

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor e Lorjô Tavares.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almada.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Crispim (pseudonymo).
Conde da Esperança.
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal.*
CHEFE DO ESCRITÓRIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial

16 DE OUTUBRO DE 1912

N.º 330

Assumptos artisticos



Um cavalleiro das Cruzadas

(Quadro do pintor Scheuren)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de outubro de 1912

AQUÉM E ALÉM MAR

Portugal e os Estados-Unidos — O Canal do Panamá — A exposição na California 1869-1915 — A futura Lisboa.

EM 1915, isto é, dentro de tres annos, reunir-se-hão em S. Francisco da California todos os povos do mundo. E nunca será mais apertado, mais poderoso nem mais fecundo, o abraço com que a America estreitará a Europa. Nesse momento historico terá o seu termo final e decisivo a divisa da Monróe. Não, a America não pertence só aos americanos, como não pertence só aos europeus a Europa. Ligam-nos profundamente os mesmos interesses da navegação e do commercio, as mesmas afinidades da civilização actual. E — caso estranho e digno de ponderação — é a propria America que n'um *élan* formidavel vem rasgar essa divisa e substitui-la por esta: «A America e a Europa são, ao mesmo tempo, dos europeus e dos americanos».

Que vem então a ser senão a confirmação d'esta divisa triumphante, que é toda ella uma nova orientação de vida futura, essa exposição universal que em 1915 vae reunir fraternalmente todos os povos do mundo na capital da California!

Essa exposição internacional commemorativa da abertura do canal do Panamá celebra nada mais e nada menos que o inicio do encurtamento do globo, da approximação dos povos, de um mais intimo convívio das nações e, por conseguinte, de maiores desenvolvimentos commerciaes, de dilatação da industria mundial e até, por que não? de novas fontes de reciprocas affeições e sympathias. Grande foi a missão de que os Estados Unidos da America do Norte investiram, ha mezes, os seus delegados para irem dizer a todas as capitães que seriam bemvidos aquelles que fossem representadas no grande certamen de S. Francisco, o qual será conjunctamente um colossal mostruario de artes, sciencias e industrias, e a condigna celebração da abertura do canal do Panamá.

Se, porém, do acontecimento universal que vae realizar-se, podem todas as nações ter direito a uma parcella de jubilo e de triumpho, nenhuma tem o direito de se envaidecer e orgulhar como Portugal.

Duas vezes — pelo passado da nossa Historia e pela situação da nossa capital — reivindicámos para nós o logar de honra n'esse deslumbrante certamen.

Sim, pelo nosso passado, porque são nossas, são conquistas portuguezas, são obras de portuguezes, todas as datas historicas, que na grande época das nossas victorias anteciparam e prepararam a data de 1915, que vae pertencer em primeira mão aos americanos.

E se remontamos ao principio, se vamos subindo por ordem chronologica, não topamos, lá muitos afastadas, a confundirem-se com as aspirações de hoje, as aspirações dos primeiros navegadores portuguezes? Não foi Fernão de Magalhães o primeiro a descobrir a natural comunicação entre o Atlantico e o Pacifico? Não dobrou Bartholomeu Dias em 1486 o Cabo da Boa Esperança? O genovez Christovam Colombo, descobrindo, em missão da Hespanha, a America Central no anno de 1492, não foi o discipulo dilecto dos Perestrellos, dos Bartholomeu Dias, dos Zarco da Camara? O descobrimento do caminho maritimo da India em 1497, enchendo de gloria o nome immortal de Vasco da Gama, não é um passo agigantado para o acontecimento que 1915 vae celebrar? O desembarque de Pedro Alvares Cabral, no Brasil, em 1500, a chegada dos navegadores portuguezes ás Molucas em 1511, o desmesurado arrojio de Fernão de Magalhães, que descobre o Estreito, e que até ás Filipinas atravessa a America do Sul e todo o Pacifico, e ainda tantos outros, que o épico prodigiosamente celebrou quando exaltado diante do genio aventureiro de Portugal exclama: «Se mais mundos houvera lá chegára», que vêm a ser senão os actos preparatorios, extraordinarios, formidaveis, impulsores, fecundos, com que o velho Portugal contribuiu

para aquelle que em 1915 vae ser o remate, a moderna cupula d'este grandioso edificio secular!

Desvanece-nos, é certo, enche-nos de orgulho este passado épico, mas não nos cega ao ponto de não vermos que se perderia todo elle na noite dos tempos, se os peoneiros da civilização actual, os porta-estandartes do progresso, não viessem renovál-o, tornál-o productivo e fructifero com as novas conquistas da sciencia, com os crescentes prodigios do trabalho hodierno.

Comtudo, ha ainda para nós outro motivo de desvanecimento: é ser Lisboa, pela sua situação geographica, o ponto de intersecção, o melhor porto da Europa occidental e meridional, a cabeça das grandes linhas interoceanicas que vão ligar com o velho mundo o novo mundo.

Para as proveniencias americanas já é Lisboa o porto natural. Com a abertura do canal do Panamá, Lisboa que, por assim dizer, já estava defronte de New York, ficará d'ora avante defronte de Tokio e de Pekim. E não se diga que deixa de ser o momento azado este momento em que o Japão e a China, aquelle pelos seus progressos sociaes, o Celeste Imperio pela revolução que veiu desfazer os seus seculares anachronismos, acabam de se integrar na civilização mundial.

Defrontar-se-hão d'essa hora em diante a Europa e a Asia, mas defrontar-se-hão, commercialmente, jubilosamente, como dois amigos que um para o outro estendessem os braços fraternos atravez do mar immenso, e as regiões uberrimas do Perú e da California enfrentar-se-hão tambem com esta Lisboa, que assim poderá reviver o seu antigo prestigio internacional e tornar-se a séde maritima de uma nova e proxima civilização. Constituirão um prolongamento, uma escala de navegação e commercio os nomes asiaticos e americanos: Suez, Aden, Bombaim, Colombo, Singapura, Hong-Kong, Yokoama, Honolulu, S. Francisco, Panamá, New York, e cá em baixo, ultimo porto, Lisboa, a rainha do Occidente.

Um unico caminho iria dos Açores ao Estreito, bifurcar-se-ia nos Açores, parte seguiria para a Europa Septentrional e parte tomaria a direcção de Lisboa e do Mediterraneo, e assim ficaria Lisboa o melhor porto da Europa occidental e meridional, porto de todos os vapores que navegam para as duas Africas, para a America do Sul, para a India e para outras partes do mundo, zona livre em que se operaria a corrente do movimento de navegação do Panamá para a Europa, e que ficaria sendo uma das tres zonas, todas em territorio portuguez, por isso que as duas outras seriam nos Açores e em Lagos, a esplendida bahia algarvia, que já tem sido aproveitada para os exercicios das poderosas esquadras inglezas, e que tornada assim zona maritima podia prestar serviços de valor á navegação do Mediterraneo. A zona livre dos Açores viria facilitar o movimento para a Europa Central e Septentrional e para o Mediterraneo.

Posto isto, são innumeradas, manifestas, as vantagens que para nós hão de resultar de um acontecimento de tal magnitude.

Uma pequena estatística que tenho presente — a ultima — mostra que é insignificante e escasso o nosso commercio com os Estados Unidos do Norte. N'esse anno importámos mercadorias no valor de 715.000 réis e exportámos cerca de 2.941.000 réis.

A importação é d'estes artigos: algodão, aduellas, tabaco em folhas, cereaes, petroleo, productos chimicos. A exportação é de: cacão, borracha, cortiça, mineraes, cobre, sardinhas de conserva, vinhos e azeites. E' forçoso confessar que a falta de navegação entre os dois paizes, contribue mais do que tudo para a ausencia quasi completa, como acabam de ver, de transacções commerciaes.

Em portos de Portugal entraram nos ultimos annos 10.794 navios. Pois d'esses apenas 29 eram americanos e todos de véla, tendo entrado nos portos da Horta e do Funchal.

Estes algarismos, que muito de proposito reproduzo, se são modestos e acanhados, não deixam de ser eloquentes. Provam que a America do Norte e Portugal estão menos separados pelo infinito das aguas do que pela distancia das relações que entre si unem os povos.

É, portanto, positivo, que no percurso de quasi meio seculo, duas datas hão de ficar a illuminar o mundo como dois fachos gloriosos: 1869 e 1915. Uma é a abertura do canal de Suez, outra a do isthmo do Panamá. E são ambas ellas o prolongamento e o remate da obra gigantea que em tantas datas historicas assinalou a iniciativa, o genio e a acção dos portuguezes.

A conspiração monarchica



O julgamento dos implicados no "complot" da Carregueira — Da esquerda para a direita: os accusados Peres Brum da Silveira, Francisco de Mello e Costa (Ficalho), D. Vasco Belmonte, Laurentino Pereira e D. José de Mascarenhas.

Por isso, nas vespéras d'esse facto que deve ser capital na historia do seculo xx, como o fóra no seculo xix o portentoso trabalho de Fernando de Lesseps, que assim como pôz a França em fóco, em fóco vae o córte de Panamá collocar a America do Norte, vão para esse paiz de febre, de vertigem e de maravilha, todas as nossas saudações frementes.

Mais rico de seiva, porque é mais moço, mais arrojado e impetuoso, porque não tem como a velha Europa cansados os nervos, mais apto e forte para a resistencia, porque o não attinge o sentimentalismo da raça latina, mais desembaraçado e livre, porque lhe não minam a raiz nocivos preconceitos, magnífico paiz das grandes florestas virgens, dos ousados commettimentos, da electricidade triumphante, da dominadora sciencia, e das riquezas colossaes, paiz onde o carroceiro de hoje é o millionario de amanhã, e se transforma em rei dos caminhos de ferro, em rei do petroleo, em rei do algodão, o mais humilde e mesquinho cidadão da Republica, paiz em que os Chefes de Estado, novos Cincinnati, depois de dirigirem o seu povo voltam a dirigir a sua charrúa, paiz de fantasia, de audacia e de força, de sonho do impossivel, e de realidade que o attinge e excede, paiz longinquo, eu te saúdo em nome do velho e cansado Portugal, e saúdo-te de todo o coração, porque só tu és capaz de o galvanizar, só tu tens o poder, com a iniciativa arrojada do Panamá, de lhe dar vibração aos nervos gastos, força ao coração fatigado e rijeza aos membros entorpecidos.

E' d'esta linda e grande cidade, tambem americana, que com as tuas rivalisa em progressos materiaes, é d'estes florescentes Estados Unidos

da America do Sul que eu saúdo os Estados Unidos da America do Norte.

Rio de Janeiro, 20 de setembro.

JAYME VICTOR.

VILLANCETE

Não ha mal que sempre dure.
Mas accrescenta quem sabe:
Não ha bem que não acabe.

Volta

Meu bem, que és hoje o meu mal,
Se por bem já me não queres,
Por mal não quero mulheres,
Que Deus me livre de tal.
Se é proverbio, é natural
Que não queiras que eu me gabe
De haver bem que não acabe.

Vae-te embora, vae, meu bem,
Foge de mim que ando triste;
Quantas lagrimas me viste
Forças de laços não tem.
Não fazes mal a ninguem,
Que eu digo, como quem sabe:
Não ha mal que não acabe.

D. JOÃO DA CAMARA.

Palavras justas e amigas

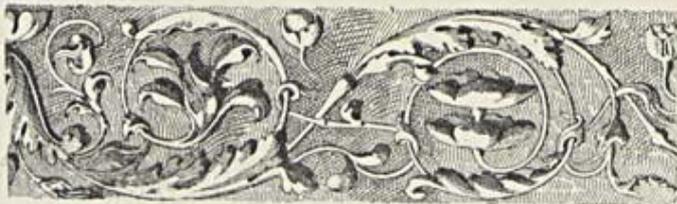
«A nação portuguesa em particular pode reivindicar a gloria da iniciativa das viagens longinquoas sobre o Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. A sua missão foi de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India por meio do oceano. Ainda isto não é tudo: a colonisação de metade da America do Sul é obra sua.

«Um povo que se apresenta perante a posteridade com taes titulos, pode estar seguro que, por mais revezes que tenha experimentado depois, hade conservar na historia um logar honroso, que ninguem lhe poderá contestar sem ingratidão.»

CH. VOGEL.



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — O julgamento dos implicados no «complot» da Carregueira — Capitão Osorio de Castro, defensor officioso, dr. Mario Monteiro, advogado de D. José de Mascarenhas e dr. Antonio Osorio, advogado dos outros reus. (Phot. de ***)



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XIV

Festas, Penitenciaria & Burla eleitoral

A quinzena que passou teve as festas do segundo anniversario da Republica e teve as primeiras sentenças do tribunal marcial de Lisboa que julgou os accusados de conspirarem contra as instituições. Teve tambem ainda um

outro facto digno de registo: a revelação feita pelo jornal a *Republica* (orgão do sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do interior do Governo Provisorio) de que as ultimas eleições geraes produziram um Congresso Partidario e não um Parlamento Nacional!

Vamos por partes porque são tres assumptos distinctos embora originados n'uma só causa verdadeira...

Primeiro as festas. Foram quatro dias de magnifico sol, com um céu de azul purissimo e algumas duzias de provincianos exportados a preços reduzidos para as ruas da cidade a mirarem as montras dos estabelecimentos alfacinhas, com admiração e receio — esse receio que enleia os filhos do campo perante as coisas estravagantes da Moda e da Civilização.

O programma official já de nascença se tinha apresentado raquitico, com numeros enfezados, de nenhum effeito. Mas se o annuciado pouco prometia a realisação foi um desastre.

Facciosismo! — dirá o leitor que acalenta sympathia pelas nossas novas instituições. Pois enganase. E para justificar plenamente o que dizemos ahi vae a seguinte apreciação d'um diario de Lisboa:

«As festas comemorativas do 5 de outubro este anno realizadas, aparte raras solemnidades, algumas das quaes nem faziam parte do programma official, não deixaram no publico uma impressão muito lisongeira. Antes pelo contrario, os comentarios da opinião, considerando no seu conjunto os festejos, eram bem amargos.»

O tal leitor tornará depois de ler isto:

— Ora! Uma transcrição da *Nação*, provavelmente!

Pois enganase. O que acima fica escripto é copiado sem a alteração d'uma virgula do... *Mundo!!*

Querem melhor?!

Realmente para se dizer o contrario só machucando a verdade com inaudito descaramento.

Não houve entusiasmo, não houve brilho, não houve solemnidade. Estoiros e mais estoiros desde a madrugada do dia 3 até ao amanhecer do dia 7 — eis tudo.

As divergencias cada vez mais ferozes entre os diversos chefes politicos nem neste momento concederam armistício.

Para não terem que se defrontar perante o publico que os havia ouvido pregar tanta *fraternidade*, alguns ausentaram-se; e outros, como o sr. Machado dos Santos — o homem que fez a republica — não compareceram em parte alguma, alheando-se por completo como minados por infinita tristeza que lhes causasse todo este tristissimo desenrolar de factos desde outubro de 1910.

Aqui teem em meia duzia de linhas o que foram as festas com que a Republica celebrou o segundo anno da sua atribulada existencia. E mais sobre o assumpto não vale a pena dizer.

A commemoração do 2.º anniversario da republica



O cortejo de homenagem a Candido dos Reis e a Miguel Bombarda — Aspecto do cortejo desfilando no Terreiro do Paço

(Phot. de ***)

Vamos agora ás sentenças do tribunal marcial de Lisboa.

Foram todas carregadinhas de seis annos de prisão maior celular seguidos de dez annos de degredo na alternativa de vinte em Africa.

Pavoroso!

Com uma semceremonia que causa calefrios pelo cinismo, atira-se para o regimen penitenciario com duzias de vidas humanas como quem bebe um capilé!

Fazem os leitores bem uma ideia do que seja a Penitenciaria?

Talvez não. Pois para que avaliem do que é aquelle tumulto de vidas, vamos n'uma rapida conversa com alguém que ainda ha dias visitou demoradamente a Bastilha de Campolide, esboçar esse viveiro de tuberculose e de idiotice.

— Qual é a sua impressão sobre a Penitenciaria? — perguntamos.

— A mais pungente que pode imaginar-se. A Penitenciaria, que até aqui era reservada aos peiores criminosos de direito commum, e que, mesmo para estes, tem sido justamente condemnada pelos publicistas como horroroso instrumento de tortura, indigno d'uma sociedade que deve punir para se defender, mas não para se vingar, passou, sob a Republica, a ser prisão de condemnados politicos.

Ao preso, desde que entra, são feitas as mensurações e colhidos os vestigios de identificação:

rapa-se-lhe o cabelo e a barba; veste-se-lhe um grosseiro uniforme. Deixa o preso de ter nome, para ter um numero.

Os penitenciaros são obrigados a trabalho manual; não podem

communicar uns com os outros presos. «Fóra da cella, diz o regulamento, cada preso trará um capuz que lhe encubra o rosto e que não poderá ser levantado, senão nos pateos de passeio, nos

— E com respeito a visitas aos penitenciarios?
— Só aos parentes ou aos amigos, são permittidas as visitas, e não sem que, previamente, apresentem ao director um requeri-



A comemoração do 2.º anniversario da republica — O cortejo civico — As escolas desfilando no Largo do Pelourinho

amphitheatros da capella (que já se não abre) ou em outros logares em que não esteja presente outro preso.»

A sua vida passa-se entre as quatro paredes d'uma estreita cella, em quasi total isolamento. Este isolamento só se quebra com

mento instruido por attestado de bom comportamento passado pela respectiva junta de parochia.

Se o requerimento é deferido, entrega-se ao requerente uma senha que lhe permite visitar duas vezes por mez o penitenciario.



A comemoração do 2.º anniversario da republica — O fogo de artifício no Tejo

(Phot. de ***)

a entrada do guarda, ao qual, todavia, é prohibido trocar quaisquer palavras com o enclausurado, a não ser para o morigerar ou incitar á resignação.

As visitas geraes são sempre aos domingos. A certos presos assignam-se, para as visitas, os 1.ºs e 3.ºs domingos, a outros os 2.ºs e 4.ºs. A entrada dos visitantes termina ás 10 e meia da manhã.

Pode haver tambem as visitas quinzenaes — mas se as ha, isto é, se o penitenciario tem um parente ou amigo que por elle se interesse. Esta visita não é direito do penitenciario, é concessão do director, como premio do seu bom comportamento.

Se não existe o parente ou o amigo, ou o pedido d'estes não é deferido, a mudez permanente e completa é o estado do preso, a não ser que, para illudir a sua miseria, se entretenha a conversar em voz alta com as grades cellulares. . .

— E' horrivel! E como se fazem essas visitas?

— E' atravez d'uma grade, d'uma rede d'arame, de tecido ainda mais estreito, de dois grossos varões de ferro horizontaes e por fim d'um quarto obstaculo, uma grade de ferro como a primeira. E' assim que a communicacão se estabelece entre visitante e visitado.

Está o nosso penitenciario gordo ou magro, pallido ou corado?

um brado que devia acordar todas as consciencias, porque ellas significam nem mais nem menos do que dizer ao paiz e ao mundo inteiro pela boca auctorisada do ministro que presidiu ás eleições geraes: a republica existe em Portugal imposta pela força despotica d'uma minoria que se serviu d'uma burla eleitoral para inculcar o novo regimen como implantado de *direito!*

Ora depois d'uma confissão d'esta ordem acolhida em *silencio*, realmente os republicanos teem todo o direito de trocar com os monarchicos á vontade.

Toca portanto de cara alegremente tola, ao som da *Portuguesa*, a apanhar as caricias dos cavallos marinhos que:

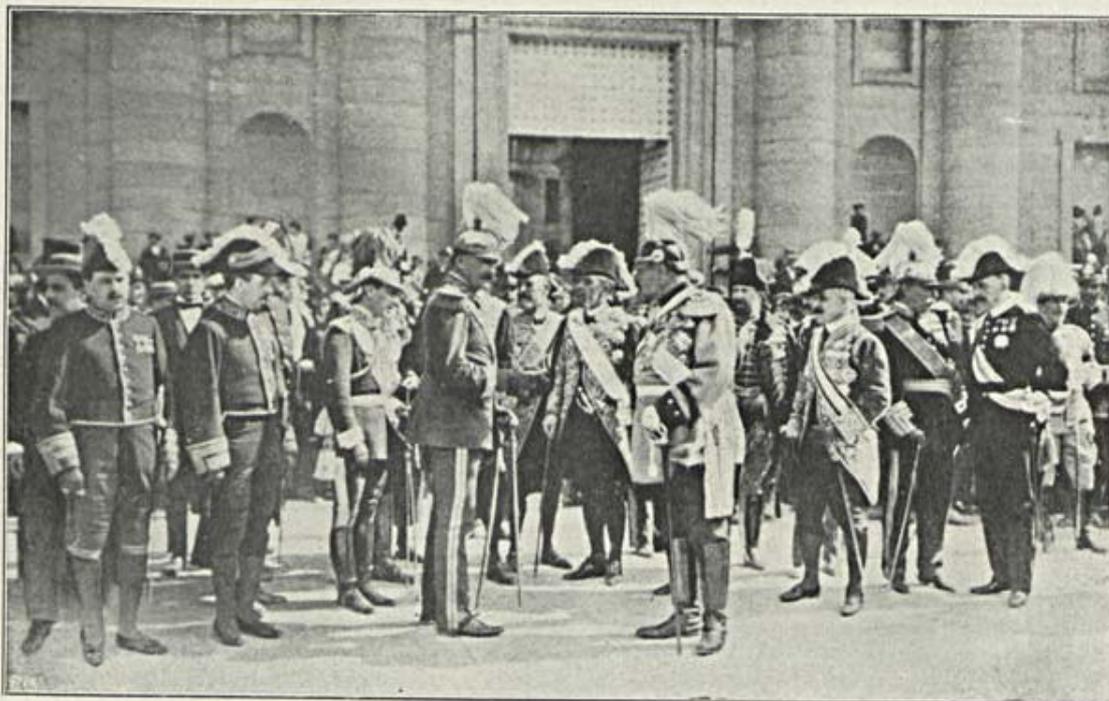
Contra as injurias da sorte. . .

São como beijos de mãe

Que nos guardam, nos sustentem.

CRISPIM.

Os funeraes da Infanta de Hespanha D. Maria Thereza



O Infante D. Carlos e o principe Luiz Fernando da Baviera entrando no Escorial para assistir aos funeraes da infanta

Não saberíamos dizê-lo, visto que a pallida luz que nos vem da janella, coada atravez de tanta gradaria, mal lhe illumina o rosto, e sobre elle desenha uma sombra quadricular, que ainda mais augmenta a confusão. . .

Reconhecemos a voz. Quanto ao rosto amigo, nada ou quasi. . . Apenas por vezes o scintillar d'uns olhos cheios de sofrimento.

— E como lenitivo a tanto sofrimento é-lhes ao menos permitido alguma distração?

— Olhe, na cella, onde se conservam quasi sempre, e que é tão pequena que impossibilita toda a marcha, não é permitido fumar. E a leitura dos jornaes é absolutamente prohibida.

Não quizemos ouvir mais.

E' sujeitos a este regimen que estão os condemnados politicos — delinquentes do mesmo crime que a monarchia *sempre puniu* com. . . a amnistia!

Comentarios, não se fazem quando os confrontos são d'esta natureza.

Do « LIVRO DOS CANTARES »

Andam as aves aos pares
A namorar-se, em descantes:
São como as aves cantando
Os corações dos amantes.

Ralha comigo o abade
Por cada vez que te vejo. . .
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo!

MARCELLINO DE MESQUITA.

Para que as gallinhas ponham

O meio mais pratico e o mais simples é este:

Aquecer 12 litros d'agua na qual se faz dissolver um kilo de cal viva. Deitar n'essa solução o milho ou outro grão que se quer dar ás gallinhas e remexer bem. Tirar depois o grão, pô-lo a secchar, e só o dar depois de secco.

A VIDA ELEGANTE

Um baile na Granja — Estoris e Caseaes

Da serie notabilissima de festas com que a Granja este anno doirou as paginas das nossas chronicas mundanas, o *bal masqué* alli ultimamente realisado, foi sem duvida um dos mais originaes e brilhantes, pela graciosa variedade dos seus aspectos e involvidavel deslumbramento do conjuncto.

Em Portugal, nos ultimos annos, apagou-se muito essa tradiçãõ galante das festas *costumées*, que em tempos idos revestiram raro esplendor, illuminando de singular distincção, os salões opulentos da velha Lisboa, aristocratica e casquilha. Nos ultimos tempos, as *soirées* d'este genero se não limitam o disfarce aos cincoenta por cento de commodidade e de economia que é o *bal de têtes*, dão n'uma agglomeraçãõ de dominós baratos, bem faceis de envergar e de confeccionar, sem prejuizo grave de alguma colcha velha, de alguma coberta vistosa e até de simples lençoes, onde uma cruz vermelha ou azul, quebrando a monotonia da côr branca, substitue de momento, a marca da lavadeira. E assim não raro succede ficar uma pessoa sem saber, se assiste a um baile de mascaras, se a uma exposiçãõ, mal cuidada, de roupas de cama!...

A Granja este anno, graças ao galante gesto, — como é de uso aqui denominar as lindas acções, da sua colonia balnear, ressuscitou para a embevecida admiraçãõ dos frequentadores da assembléa d'aquella praia a pura tradiçãõ elegante dos lindos bailes de mascaras, realisando uma d'essas festas com exito soberbo. Melhor do que a descolorida prosa de quem não teve a honra e o prazer de assistir ao *bal masqué* a que alludimos, dirá a transcripçãõ que tomamos a liberdade de fazer do *Diario de*

VIDA ELEGANTE



NA GRANJA — O baile «costumée» — Lendo a «buena dicha»
— As sr.^{as} D. Maria Henriqueta Coelho Pereira e Pinto de Oliveira e D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaç.

Noticias, onde o talentoso e amavel correspondente d'aquelle jornal na aristocratica praia dá conta das suas impressões; e nos seguintes termos:

— Seriam cêrca de dez horas quando a primeira valsa extra-programma veiu animar a linda sala da essembleia, cheia de vida e de entusiasmo. Os rapazes enchem os seus *carnets*, cada vez



VIDA ELEGANTE — Na Granja — O baile «costumée»
A sr.^a D. Anna Reynolds de Sousa (*tête-Duchess of Devonshire*)

entrava mais gente; e presentia-se um mysterio para lá do panno de velludo verde do palco. Outra valsa ainda fóra do programma e entra-se emfim na realizaçãõ d'este pela primeira que estava marcada. Terminada a valsa no meio de grande alegria, fez-se espaço na sala e os primeiros accordes do *minuete de D. Juan*, de Mozart, fizeram-nos estremecer, como se um fremito do passado nos percorresse as veias. Corre o panno; e no meio de reverencias classicas vemos esses doze pares de sonho descerem até á sala, — as jovens *sécias* com lindissimas *toilettes* do 1.^o imperio e os respectivos pares, igualmente com fatos a caracter, apertados nos seus redingotes, de calções e sapatos de fivela de prata, face rapada, — antigo regimen, *lorgnons* de ouro. E esses leves *Wateaus* fazem-nos transportar um seculo atraz num verdadeiro deslumbramento. Ha fatos de homens que estiveram na guerra dos francezes, ha *toilettes* de damas, autenticas, puros *gobelins*; vestes diferentes, mas da mesma epoca, ostentam-se numa promiscuidade encantadora. Esses bellos pares eram: D. Elisa Andresen com o sr. Fernando Brito (Ermida), D. Maria Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen) com o sr. Antonio Galhardo; D. Lucrecia de Brito (Ermida) com o sr. Alvaro Ayres de Gouveia; D. Maria de Almeida e Brito com o sr. Alberto de Brito (Ermida); D. Emilia Salles com o sr. Luiz Vasconcellos Porto; D. Beatriz Ayres de Gouveia Alcoforado com o sr. Fernandes Reynolds de Sousa; D. Elisa Reynolds de Sousa com o sr. João Povoas Ramos de Magalhães; D. Thereza Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen) com o sr. João Peixoto Archer; D. Maria João Osorio de Mello com o sr. Joaquim Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen); D. Josephina Burnay com o sr. Luiz Peixoto Archer; D. Maria Francisca Pinto Basto de Sá com o sr. Gustavo Andresen; D. Maria Ritta de Brito (Ermida) com o sr. Eduardo Mendes de Oliveira.

Sucedem-se uma valsa, uma quadrilha, um *two-step* e uma nova valsa, servindo de antecedente ao *bal-bourré*, que foi repetido no meio dos maiores applausos.

Esta dança antiga foi, talvez, a melhor, a de mais bello effeito.

Depois de mais algumas valsas e uns lanceiros, tem lugar a ultima das danças antigas a *cracovienne*, que igualmente foi bisada, assim como, a instante pedido, o minuete.

A festa prolongou-se com extraordinaria animação até ás 5 horas da madrugada. A's 11 e meia da noite fóra servido o chá, á 1 da madrugada os refrescos, ás 2 horas uma esplendida ceia.

Além das senhoras que entraram nas danças antigas e cujas *toilettes* eram do mais rigoroso estylo, viam se no salão uma infinidade de lindas figuras e gentis cabeças, de lindos chapéus enfeitados de bellas plumas, do mais elegante aspecto. Entre essas senhoras, notavam-se:

Condessa de Castro, linda *toilette* Imperio; M.^{elle} Maria Henriqueta de Oliveira, verdadeira figura descida d'um quadro, absolutamente a rigor da primeira epocha Luiz XV; D. Maria Benedicta Osorio, *toilette* Imperio; D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaz, *costumée*, de tzigana; M.^{elle} Anna Reynolds de Sousa, cabeça *Gainsbourg*; M.^{elle} Anna de Mendôça (Azambuja), *toilette* Luiz XVI; M.^{elle} Anna de Siqueira, *toilette* á epocha de D. Maria II; M.^{elle} Laura Mourão, *toilette* Luiz XV, etc.

Muitos outros *costumes* se admiravam, mas não foi possível tomar nota de quantos mereciam referencia.»

Como vêem não podia ser mais notavel esta encantadora festa,

rito, promoveram ha dias nos salões do *Grand Hotel d'Italie*, no Mont'Estoril.

Em Cascaes segreda-se muita cousa interessante ácerca d'uma festa em projecto para fins d'este mez; e no Monte por egual é assumpto das conversações o discutido programma d'uma recita que terá logar na segunda quinzena d'este mez.

Tudo isto já se vê, é segredo! N'estas condicções de exigencia d'um absoluto segredo, o confiamos aos leitores...

LUIZ TRIGUEIROS.

O Amor dos Velhos

João de Lima era um velho de noventa annos, comparavel no physico a uma castanha pilada, e no moral a um homem de vinte e cinco. Sua irmã, mais nova do que elle na idade, mas mais envelhecida na realidade e na apparencia, fallecêra pouco mezes antes deixando-o completamente só. Sentiu então elle, como nunca, o peso da solidão: as horas pareciam-lhe seculos,



VIDA ELEGANTE — Na Granja — O baile «costumée» — A sr.^a D. Josephina Pacheco Burnay e o sr. Joaquim Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen).

onde uma elegante multidão feminina concorria em graciosidade, gentileza e sumptuosidade de *toilettes* para embaraçar na escolha o olhar deslumbrado do espectador d'esse maravilhoso quadro tão intensamente colorido. As photographias que hoje inserimos completam a descripção transcripta; e é quanto basta para avivar a saudade dos que estiveram n'essa festa esplendida e irritar o sentimento dos que só d'ella souberam, pelo relato dos jornaes...

Dos Estoris e de Cascaes resam as chronicas elegantes varias festas de interessante e cuidada organização, principalmente a recita e baile que os srs. Augusto de Santa Rita, um delicado poeta e D. Luiz de la Cruz Quesada, amador de musica de elevado me-



VIDA ELEGANTE — Na Granja — O baile «costumée» — A sr.^a D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaz (Tzigana).

e os serões interminaveis. Morava num rez-do-chão d'uma rua estreita e escura, e na pequena sala da sua habitação passava tristemente as noites e os dias sem ir vêr as suas flôres, nem se importar que ellas murchassem nos canteiros e as hervas invadissem as ruas do seu pequenino jardim.

Elle, que mantivera sempre a alegria dos verdes annos, sentia-se, pela primeira vez da sua vida, irremediavelmente triste.

N'uma noite quente e abafada de julho, sentado á sua secretaria, relia, chorando, as *Memorias da Mocidade*, volume que escrevera ainda em vida da irmã, não para o entregar á publicação, mas para se deleitar na intimidade fraterna, com o sabor delicioso da saudade.

N'um primeiro andar, em frente, vivia uma mulher velha, cujo rosto conservava ainda vestigios de belleza, mas que tinha uma

physionomia tão triste que, sem querer, ao olhá-la, pensava-se que a ideia da morte a perseguia como uma corôa de espinhos que é forçoso aceitar.

Sósinha, com os seus dois gatos, a senhora D. Brites d'Almeida



VIDA ELEGANTE — Na Granja — O baile «costumée» — A sr.^a D. Maria Henriqueta Coelho Pereira e Pinto de Oliveira (Primeira epoca Luiç XI).

tinha por única ocupação as flôres que ornavam a sua varanda e os cuidados da sua minúscula habitação.

Não tinha criada porque, dizia ella, ao contrario do grande santo, que era *inimiga escusada e nunca poupada*. A' noite, detestando os mosquitos, e não tendo já olhos para leituras, não accendia a luz: e, ás escuras, sentada perto da janella, a casa de João de Lima era o seu theatro. Como a rua não tinha sahida, só servia de transito aos moradores, e, com o socego nocturno, ella deliciava-se ouvindo as conversas dos dois irmãos e as suas leituras.

Não os conhecia, nunca lhes fallava, nem mesmo os cumprimentava; mas tanto identificára a sua vida com a d'elles, que nos seus soliloquios tratava-os pelo João e a Angela e, quando esta morreu, chorou copiosamente como se lhe houvesse fallecido uma pessoa de familia e... vestiu-se de preto. A ninguem disse o seu pezar (não fallava com a visinhança) nem mandou os sentimentos ao irmão, porque era pessoa de character muito reservado. Mas soffria da dôr do velho e chorava, de longe, com elle, n'uma sympathia ingenua e boa, que, na velhice, só conservam as almas generosas.

N'aquella noite João de Lima chorava e, fechando o livro, exclamou:

— Oh! a tristeza de não ter ninguem com quem fallar! Ninguem com quem trocar um pensamento!...

E um soluço prolongado abafou-lhe a voz na garganta.

Pareceu-lhe que um soluço correspondia ao seu.

Ergueu a cabeça, olhou, mas não viu ninguem.

Momentos depois sentiu que lhe batiam levemente á porta.

Ergueu-se admirado, limpou as lagrimas á pressa e foi abrir, pensando:

— E' alguém que vem enganado.

Vendo em frente de si uma pessoa que não conhecia, porque

nunca reparára no primeiro andar fronteiro, apesar de morar n'aquella casa ha mais de oito annos, João perguntou:

— Quem procura?

— O senhor João de Lima.

— Sou eu proprio.

A senhora D. Brites estacou enleada. Compreendeu momentaneamente que era uma estranha para o seu visinho e não soube que dizer.

Entretanto João de Lima observava-a e, vendo que ella nada dizia, perguntou-lhe:

— Em que lhe posso ser util?

— Estas horas são realmente improprias para procurar ninguem, mas... enfim se o não incommodo, desejava dar-lhe uma palavra.

— Faça favôr de entrar.

E, dando duas voltas á chave, o senhor João introduziu na sala a sua visita, receioso e desconfiado pelo improprio das horas. Offereceu-lhe urbanamente uma cadeira junto da secretaria, dizendo:

— Estou ás suas ordens, minha senhora.

— O que eu tenho a dizer-lhe, começou a velhita com voz tremula, é muito estranho e não sei como o senhor o receberá. No entanto, peço-lhe que me escute com attenção e sem me interromper porque, no habito que tenho de estar sempre só e não ter ninguem com quem fallar, atrapalho-me quando perco o fio das minhas ideias.

— E' muito natural.

— Sou sua visinha, móro no primeiro andar aqui defronte, onde vivo desde que casei, ha cincoenta annos. Alli perdi o meu marido e o meu filho e, já agora, alli espero morrer. O meu nome é Brites de Almeida.

Quando ella disse que se chamava assim, o senhor João teve um



VIDA ELEGANTE — Na Granja — O baile «costumée» — A sr.^a D. Elisa Reynolds de Sousa e o sr. Fernando Reynolds de Sousa.

movimento de surpresa; mas, fiel á promessa de guardar silencio, não interrompeu a sua interlocutora.

— Vivi, continuou ella, sempre só desde a morte do meu filho, e em breve se me tornou impossivel ler ou trabalhar á noite. Foi por esse tempo que os senhores vieram morar para aqui.

Tornou-se muito vermelha e continuou quasi balbuciando:

— O senhor tinha o costume de lêr alto e, como a rua é estreita, eu entretinha-me a ouvil-o; depois... a minha vida identificou-se de tal forma com a sua que... sem eu perceber bem como, João e Angela tornaram-se-me pessoas de familia. Conhecia os seus desgostos, o seu passado... tudo... e, quando Angela morreu, chorei-a como uma irmã e vesti lucto por ella. Não lhe mandei os pezames porque o senhor João não me conhecia e não me pareceu bem vir intrometer-me no seu desgosto; mas depois chorei, e soffri comsigo sempre, e hoje, ao ouvir a sua exclamação, senti-me tão impressionada que, sem reflectir em quanto havia de insolito no meu procedimento, atravessei a rua para lhe dizer: Nós soffrêmos do mesmo mal. Desabafe commigo porque ha oito annos que eu conheço e partilho os seus pezares. Mas ao chegar em frente da porta senti a incorrecção do meu proceder, incorrecção que durante annos não percebi, e que só vi claramente quando o senhor João me perguntou: «Em que lhe posso ser util?» A minha vontade foi summir-me pelo chão abaixo sem lhe responder; mas... era tarde para recuar. Decidi-me a ser franca comsigo... e agora, perdê-me, e não me queira mal.

— Querer-lhe mal!...

E João de Lima estendeu-lhe ambas as mãos no movimento impulsivo do naufrago que encontra uma taboa a que se agarre na occasião em que cae á agua.

.....
Era passado um mez depois dos acontecimentos que descrevemos, e a janella da sala de D. Brites, que tantos annos passára envolta em trevas, estava agora todas as noites brilhantemente illuminada.

Sentados á mesa, tomando chá e conversando, o serão dos dois velhinhos prolongava-se por altas horas. Almoçavam juntos em casa de João, arranjavam a casa e depois vinham para de-frente, onde, em commum, faziam os mesmos arranjos, jantavam e passavam o serão. Quando o somno lhes chegava era tarde (os velhos dormem pouco) o senhor João regressava á sua pousada e, no dia seguinte, começavam alegremente a vida.

Nunca nenhum d'elles se tinha sentido tão feliz durante a sua longa existencia.

A visinhança, sempre maldosa, cochichava e ria.

Elles nem por isso davam. Um dia, recordando a mocidade, lembraram-se de que se tinham conhecido em novos. Viram-se apenas uma unica vez, em casa d'um tio que Brites tinha em Cintra. Que formosos eram ambos então! Lembraram-se!... Se tivessem continuado a ver-se deviam ter-se amado... E os seus olhos apagados trocaram um relampago de vida.

Um dia, João disse-lhe rindo, ao passo que lhe mostrava um retrato do tempo em que era bello:

— Se eu ainda assim fosse, dir-lhe-ia que a amava, Brites.

— O quê? mesmo assim velha?

— Mesmo assim

— Então diga-o, João, porque, se já não temos corpo, a alma vive, goza e, meu amigo, será infinita como a amizade que nos une.

— E será amizade o que nós sentimos um pelo outro?

— Tem outro nome, meu amigo mas não é bonito.

— Diga sempre. E'?

— O amor dos velhos.

Tem razão.

E ficaram a olhar-se embevecidos...

Um anno depois dois enterros sahiam á mesma hora de casa do senhor João de Lima e da sua visinha.

Elle morrera d'uma lesão cardíaca e ella, assistindo-lhe aos últimos momentos, morrera repentinamente, ao vê-lo expirar.

— Que cousa estranha! commentava admirada a visinhança: morrer no mesmo dia e levarem o mesmo enterro!

E uma velhita que rezava nas contas, tres portas abaixo d'aquellas d'onde sahiam os caixões, limpava os olhos vermelhos á ponta do avental, murmurando:

— Se elles fôsem novos não teriam ido ao mesmo tempo... O coração dos velhos é assim: quando os annos não conseguiram impederni-lo, põem tudo n'um sentimento. Pobre D. Brites! Deus dê paz a sua alma!

E passando entre os dedos as velhas contas de madeira começou em tom dolorido:

Padre Nosso que estaes no ceu...

E seguia com olhar compassivo os dois ferretos que um apoz outro voltaram a esquina da rua, continuando machinalmente a oração, emquanto o desenvolto pensamento tentara prescrutar os insondaveis mysterios de Além-tumulo.

MARIA O'NEILL.

“NOTAS A' MARGEM”

Luiz Trigueiros, o brilhante escriptor que os nossos leitores já conhecem e que desde ha um certo tempo honra com a sua collaboração as paginas d'esta Revista, publicou ha pouco um livro intitulado *Notas á margem*, sobre o qual se nos torna difficil dar opinião, por isso que todo o elogio da nossa parte pareceria immodestia, visto que Luiz Trigueiros é pessoa de casa e das mais queridas.

Entretanto, para que os nossos leitores ajuizem do valor do



Luiz Trigueiros

livro, da sua linguagem desprezenciosa mas scintillante, do colorido das suas observações, não resistimos á tentação de transcrever o seguinte trecho:

Cartas á Condessa Irene

XX

Do livro «Notas á margem»

A minha querida amiga,—acaso ainda o será?—não conhece os velhos romances de capa e espada que agitavam o sono da mocidade do meu tempo. Não admira... Eram paginas de novela heroica, onde se descreviam com vivo colorido, episodios belicosos, cuja leitura nos obrigava a sonhar angustiadamente com bravos espadachins amorosos e com formosas damas roubadas das liteiras brazonadas, em pleno descampado! Como iam ali parar não se percebia claramente; mas isso era o menos para a nossa imaginação exaltada e para o nosso coração, que esses lances audaciosos enchiam de entusiasmo febril.

Um destes livros,—*Os dramas da regencia*, foi durante muito tempo o meu companheiro dilecto. Eu vibrava então com as proezas do capitão Légardère, chorava os amores melancolicos de Aurora de Nevers e ria francamente com as façanhas pittorescas dos dois gascões Cocardasse e Passepoil, que a golpes de durindana—e de bom humor, abriram caminho na vida, cantando o sol dourado, o vinho espumante e os olhos risonhos das lindas estalajadeiras da velha França!...

Esse Légardère, tinha artes de se transformar num corcunda malicioso e truão; e assim, aparentemente inofensivo, conseguia passar despercebido, insinuar-se por entre as multidões, galgar as muralhas dos castelos, deixar misteriosamente flôres e bilhetes perfumados nos quartos das belas e imponentes damas da córte; e, no momento do perigo, quando era mister que fulgisse a lamina da sua espada, surgia então,—como num episodio de magica, do trambolho disforme que era esse corpo de aleijado, o mancebo varonil, de alta estatura, cabeça altiva e olhos scintillantes, que bradava aos inimigos estarrecidos, com voz potente:

— Eis-me aqui! Eis-me aqui!...

Minha querida amiga:—acaso ainda o será!...

Quantas vezes eu recordo melancolicamente essa figura heroica de espadachim, que illuminou de estranho goso alguns dias da minha adolescencia! E quem dera que eu pudesse, occulto sob a alquebrada carcassa do aleijado truão, caminhar por montes áridos e vales ridentes ao encontro do seu pensamento, e quando o visse a distanciar-se do meu affecto desolado, bradar-lhe,—como o ousado Légardère, embora sem o seu galante apromo:

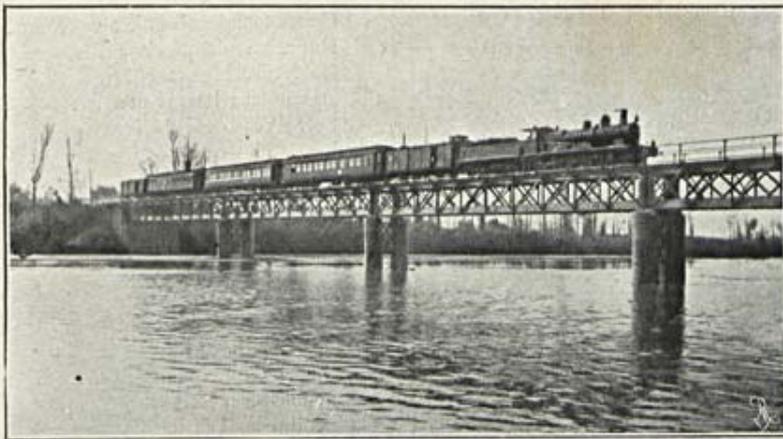
— Eis-me aqui! Eis-me aqui!...

LUIZ TRIGUEIROS.

Saudosas recordações do Mondego

A MADAS ribeiras em que nasci, em que passei os graciosos annos da minha infancia, e primeira adolescencia, unico tempo de solida ventura, com que saudade vos recordo e vos desejo! — São tão agradaveis os oiteiros de aquelles contornos, opulentos de côrados racimos, e acobertados de frescas e viçosas parras, coroadas pelas cimas de sempre verdes oliveiras! Estão tão apinhadas nos pomares as arvores, curvadas co'o saboroso peso de formosos fructos, pelos valles que entre si deixam as quebradas das alegres montanhas! Estende-se um socego tão de-

COIMBRA



O comboio atravessando a ponte sobre o Mondego

leitoso por aquellas campinas afortunadas! — Se não é que o interrompe às vezes (deliciosamente!) o canto melodioso dos rouxinões e toutinegras, ou o compassado remar d'uma lenta barca



Coimbra — O Mondego junto á Memoria

remontando o rio, para ir armar ciladas aos descuidados moradores d'aquellas aguas; se tambem o não quebra a desaffectedada cantilena da singela pomareira.

FILINTO ELYSIO.

Coimbra

(Recordações)

COIMBRA! . . . Terra de incanto
Do Mondego alegre flor
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa.
Não, que esta alma saudosa,
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou;
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia,
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras, . . .
E às vezes scismava em tí!
De Londres vi a grandeza,
Vi o incanto de Veneza.
De Paris a sedução;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.



Coimbra — Um trecho do Choupal

(Phots. do dr. Anselmo Ferraz de Carvalho)



Coimbra—Arruamento principal do Jardim Botânico e edificio do Lyceu Central

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlin.
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas gallas
Que eu sei, que apprendi de côr,
Não diziam o que dizes
Nesse extenal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
Quantas por lá querem ter,
E's um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fonte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo — Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as pôdes dar tamanhas
Que os façam mudar de côr;
Se quiserem da cidade
Provas d'antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
D'esse tempo que lá vae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pae;
Falla-me o sino da torre
Com um som que nunca morre
Nos echos que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outrora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas que mais não veem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal*;
Lembram-me as idas a *Cellas*.
As suaves tardes bellas,
Passadas da *Ponte no O'*;
E quando, já n'essa idade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficães esquecidos,
Antigos socios de então,



Coimbra—Escadaria e arborisação decorativa no Jardim Botânico



Coimbra—Um trecho do Jardim Botânico
(Phots. do dr. Anselmo Ferraz de Carvalho)

Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão:
Aqui o palacio e a choça
Foi vida de irmãos a nossa,
Eram por dentro eguaes;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivaes

Esta mesma casa... oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me incantas
Co'as imagens que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar...
Mas não... logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas lettras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
Vencei-nos, vencei-nos, vós;
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despida
Do lodo das vis paixões;
Levae ao mundo essa aurora,
E sobre os braços d'outrora
Levantae novos braços.

Eia, pois, COIMBRA seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias lettras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

Coimbra, 25 de Novembro de 1854.
JOÃO DE LEMOS.

D. Miguel e D. Affonso Henriques

D. Miguel, querendo ver os restos mortaes do fundador da monarchia, mandou no dia 23 de outubro de 1832, abrir o tumulo que os encerra e que se encontra na capella mór da egreja de Santa Cruz da cidade de Coimbra.

O corpo do rei estava inteiro; era porém um verdadeiro esqueleto mirrado e secco.

D. Miguel teve o cuidado de medir a altura do esqueleto, o comprimento dos braços e das pernas, verificando-se que o corpo em relevo, que está sobre a tampa do tumulo, era exactamente proporcionado.

D. Affonso Henriques tinha os braços tão compridos, que descidos, estando elle direito, tocavam nos joelhos com a extremidade dos dedos, ao contrario do geral dos homens, em que estes só chegam ao meio da cocha. D. Miguel tambem tinha os braços na mesma proporção dos de D. Affonso Henriques.

Achou-se ao lado do esqueleto um cofre, que estava ainda coberto com um resto de tella rica de ouro e prata, com franjas d'esta qualidade.

Sobre a tampa existia uma chave de ferro, a qual tinha sido dourada; e dentro do cofre achava-se um frasco de vidro faceado, com a base de tres pollegadas quadradas e 7 de altura, rolhado e lacrado, com as armas reaes em cima, da epoca de D. João V, e uma inscripção em baixo dizendo — *Noticia do que se passou em o mez de Setembro de 1732.*

Continha este frasco um embrulho escuro e com letras, mas pegado no fundo.

Foi levado o frasco por ordem de D. Miguel, para o Museu; e quando elle foi visitar este estabelecimento, fez extrahir o que o mesmo frasco continha pelo dr. Joaquim Franco da Silva, o qual achou serem duas escripturas em pergaminho muito destruido, confusas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavam escriptas.

Apenas se pode perceber que uma era em portuguez, e de caracter de letra de ha dois seculos, pouco mais ou menos, e outra em latim, tambem de igual semelhança, sendo provavel fazerem referencia a mais antigos titulos, quando o tumulo foi aberto em setembro de 1732, como dizia o letreiro no fundo do frasco.

Na escriptura em latim se pode notar que fallava da rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.

Qual seria, porém, a causa porque em setembro de 1732, no reinado de D. João V, havia sido aberto aquelle tumulo, apesar d'este monarcha nunca ter vindo a Coimbra?

Esse facto prende provavelmente com as diligencias que ha muito se andavam fazendo para se obter em Roma a canonisação de D. Affonso Henriques.

Já no reinado de D. João III se fizera para essa canonisação o processo costumado; e nas côrtes que se celebraram em Lisboa em 1641, pediram os povos a D. João IV que mandasse tratar d'este negocio na curia romana. E' provavel que no reinado de D. João V novamente houvesse desejo de continuar com essa pretensão.

E ainda ultimamente no reinado de D. José I se fizeram activas diligencias a esse respeito, dando-se novamente principio ao processo para a canonisação de D. Affonso Henriques, com ordem e procuração de el-rei.

Foram lidas essa ordem e procuração, com outros papeis conducentes ao mesmo fim na egreja do mosteiro de Santa Cruz, junto á sepultura de D. Affonso Henriques, na presença de toda a com-

munidade dos conegos regrantes, no dia 6 de junho de 1753, em que D. José I fazia annos.

Foram apresentados estes papeis ao bispo conde D. Miguel da Annuniação, que destinou o dia 11 de julho immediato, oitava da



Coimbra — Bibliotheca da Universidade

(Phot. do dr. Anselmo Ferraz de Carvalho)

festa da rainha Santa Izabel, para se fazer a primeira sessão, como effectivamente se fez, com a assistencia das diferentes comunidades religiosas, lentes e doutores da Universidade e de toda a nobreza de Coimbra.

Por essa occasião repicaram os sinos da Universidade, da cathedral, e de todos os conventos, collegios e freguezias.

No dia 12 se fez com a mesma solemnidade segunda sessão, mas a verdade é que appareceram embarços para a canonisação de D. Affonso Henriques, os quaes impediram se realisasse esse intento.

Pensamentos

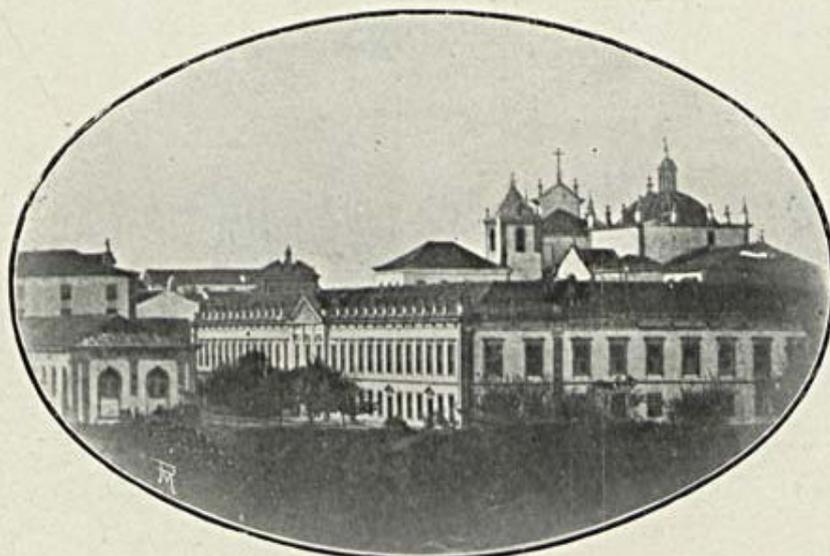
Poucas pessoas tem consciencia de todo o mal que fazem.

Todos gostam de retribuir os pequenos favores, alguns chegam a reconhecer os mo-

derados, mas é raro encontrar algum que não retribua os grandes com ingratição.

A inveja desaparece pela verdadeira amizade e o galanteio pelo verdadeiro amor.

ROCHEFOUCAULD.



Coimbra — Museu da Universidade e edificio da Se Cathedral

Um pretendente singular

Eis um engraçado episodio referido por Camillo Castello Branco no seu romance *O Regicida*, declarando tel-o extrahido das *Memorias* de Diogo de Paiva e Andrade. Uma vez entrou um juumento vadio no recinto da sineta (no Paço da Ribeira), e começou a trincar a corda, no intuito provavel de a comer. Ora como a sineta repicava tão ligeira quanto a fome do tangedor esgarçava no cordel, D. João IV, que estava só, e estranhava o presuroso dos toques, desceu pessoalmente á casa da roda, e perguntou quem era. Como ninguem lhe respondesse, mandou averiguar se a pessoa que tocava já teria subido á saleta de espera.

O enviado voltou, annunciando a S. M. que encontrara um burro muito magro.

El-rei ordenou logo que o levassem ás cavalariças reaes com recommendação de o tractarem fartamente, e accrescentou:

— Semelhante requerente não póde ter outra pretensão.

Presente fradesco

Quando em 1743 D. João V foi ás Caldas da Rainha tomar banhos, os monges de Alcobaca offereceram-lhe:

Vitellas	69
Presuntos	194
Queijos	182
Peruas	210
Gallinhas	696
Caixas de fructas	36
» de salchichas	36
» de doces	333

AMANHECENDO

Vae crescendo a manhã, ingenua, preguiçosa,
Passam pelo azul nuvens que o vento leva;
No ceu, agora envolto em nuvens, côr de rosa
Nem um astro sequer sobreviveu á treva.

Passa leve, a tremar a brisa voluptuosa,
Casta como uma pomba em seu desnudo d'Eva;
E emquanto a brisa passa, ardil, deliciosa
Desperta chilreando a turba que s'eleva.

Nem um astro sequer, tudo fugiu, que horror!
A propria lua até já debandou dos ceus
Temendo a luz do Sol, fugindo ao seu ardor.

E emquanto o Sol nascia, abristes os olhos teus:
E o Sol envergonhou-se, e foi pedir a Deus
Que lhe desse mais luz, mais brilho e mais calor.

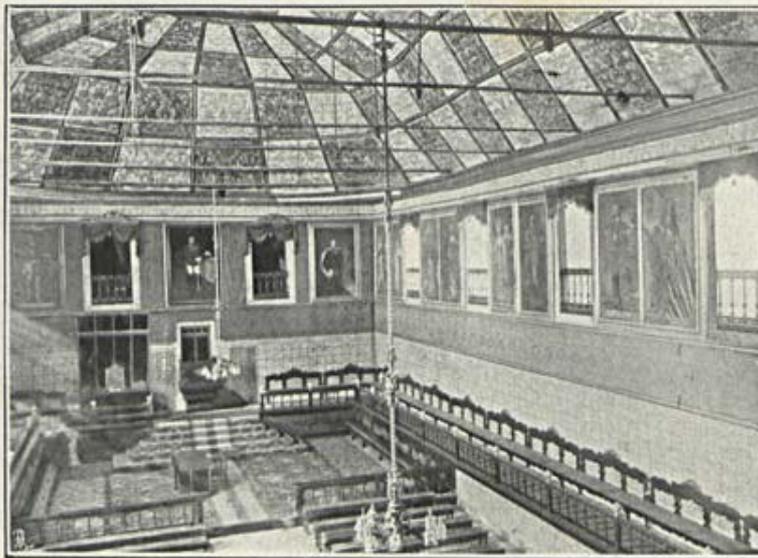
A. FONSECA.

A ODETTE (Jogo de cartas)

Doze jogadores. Tres baralhos de 32 cartas. Cada jogador recebe 8. O primeiro a jogar deita uma carta a descoberto sobre a meza e annuncia em voz alta. Todos se desembaraçam das que teem eguaes. Se é uma dama todas as damas que estão na mão dos parceiros, devem apparecer sobre a meza. Os que não tiverem nenhuma, lançam um tento para o bolo. O segundo jogador faz o mesmo que o primeiro, e a partida continua sempre do mesmo modo. Chega um momento em que um ou muitos parceiros não teem cartas na mão. A partida considera-se então terminada, ganhando aquelle que primeiro se desembaraçou das suas cartas. E' esse que levanta o bolo.

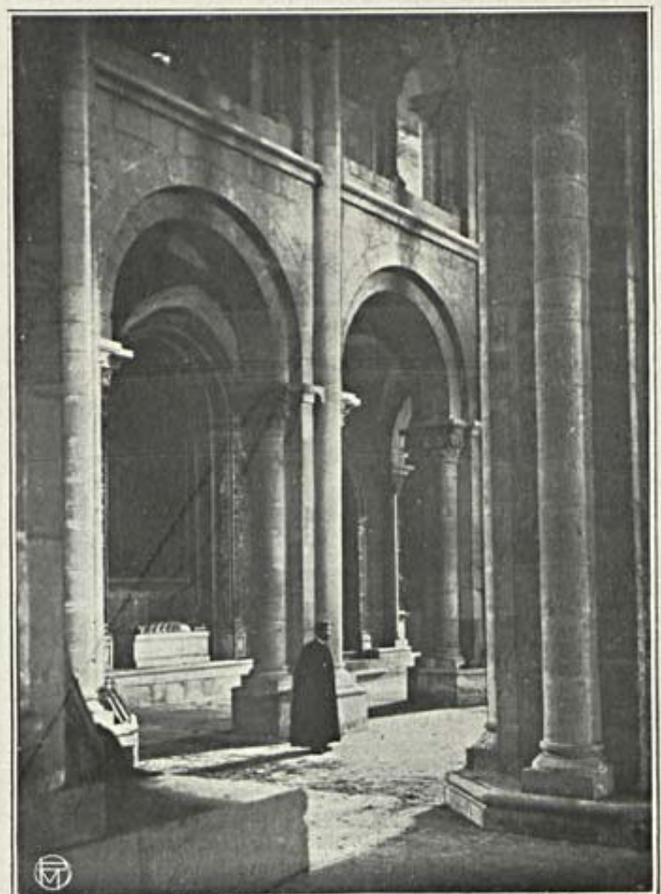
Na China, dizia um viajante, quando alguém é condemnado á morte, encontra facilmente quem soffra a pena por elle, mediante certa quantia.

— E' assim mesmo, acóde Calino; ha ali uns pobres diabos que ganham a vida d'esse modo.



Coimbra — Sala dos Capellos na Universidade

(Phot. do dr. Anselmo Ferraz de Carvalho)



Coimbra — Um trecho da nave central da Sé Velha

(Phot. do dr. Francisco de Vasconcellos)

A VIDA

A vida é uma lagrima de amor.
Que a Virgem de seus olhos desprende
Ao ver na cruz o filho!
E essa perla mostrando em si a dor,
Ao deslizar, na face adormeceu;
Seccou, perdeu o brilho!

Maio — 1885.

CONDE DA ESPERANÇA.

E' tão facil que nos enganemos a nós mesmos sem darmos por isso, quanto é difficil enganar os outros sem que elles o percebam.

um advogado imbecil e que afinal é o unico apanhado na ratoeira por elle armada.

N'A *Ratoeira*, surge-nos n'um papel de evidencia uma novel actriz, Alda de Aguiar, que n'esta comedia sustenta, com muita intelligencia e intuição artistica, a sua personagem.

Alda de Aguiar se persistir em estudar, ha de marcar logar na scena portugueza, tão falha ella está de figuras femininas, que se impoñham.

Foram justissimos os applausos que o publico lhe dispensou e de que partilharam os actores Telmo e Cardoso, cheios de naturalidade. Muito bem Maria Matos e Emilia Berardi.

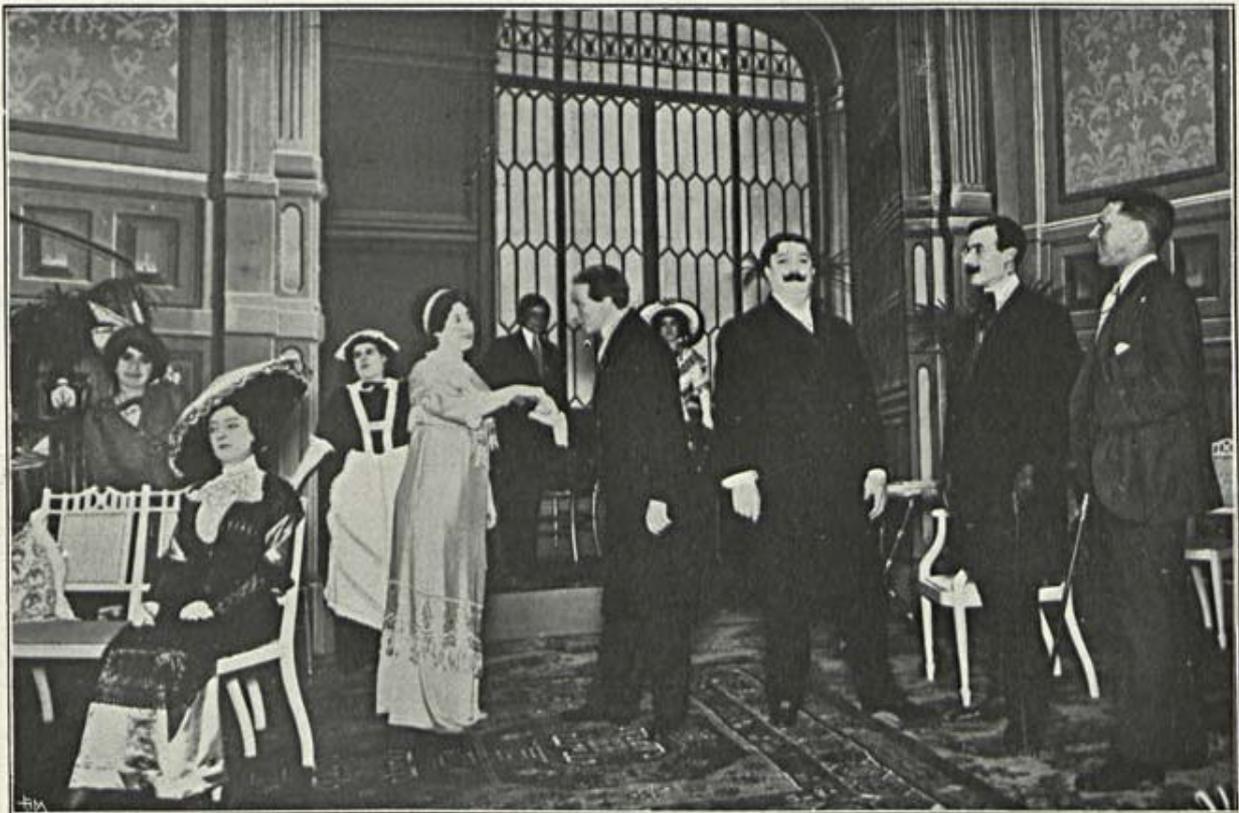
Alegrem, na personagem do ridiculo advogado, papel do genero que mais se adapta ás suas qualidades artisticas, muito concorreu para o bom exito d'A *Ratoeira*.

Lucinda Simões é quem artisticamente está dirigindo o Gymnasio; e n'A *Ratoeira* immediatamente se conhece a sua influencia, pois está delineada e ensaiada primorosamente, sendo o 3.º acto um modelo de marcação. O publico ovacionou justamente a grande artista.

No atrio do Gymnasio appareceram magnificos retratos de tres

THEATROS

THEATRO DO GYMNASIO — A ratoeira



1.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

THEATROS

Gymnasio — *A Ratoeira*, adaptação de Freitas Branco — *A Volta*, episodio do sr. Nobre Martins. **Trindade** — *A Dama Roxa*, operetta, *spartito* de Winterberg.

O velho Gymnasio iniciou a sua nova epoca com uma traducção e adaptação do mallogrado Freitas Branco, que tanta predilecção, e bem fundamentada, tinha pelo theatro allemão tendo dedo para escolher peças no genero de *A Ratoeira*, em que o assumpto é tratado alegremente, com leveza, sem escabrosidades, fazendo aflorar o riso aos labios do espectador mais mazombo.

O fulcro, ao redor do qual se move toda a efabulação da alegre comedia allemã é o ciúme. Um marido exemplar, que é adorado por sua mulher perde, sem saber como, uma pulseira, que fôra oferta d'aquella. Em vez de limitar-se a dizer a verdade, isto é, que realmente não sabe onde perderia a joia, inventa como *alibi*, que estivera com uns amigos n'um *restaurant* da moda, afamado pelos seus gabinetes reservados e talvez lá deixasse a malfadada pulseira.

D'ahi uma serie de peripecias, que se accumulam e encadeam logicamente, tratadas com bastante espirito e graciosidade, que dão em resultado scenas e situações verdadeiramente desopilantes.

São tres actos bem conduzidos, leves, que vão n'um crescendo de interesse até á scena final — um julgamento, preparado n'uma sala, por

figuras illustres que outr'ora deram brilho áquelle theatro: *Gervasio Lobato*, *Taborda* e *Valle*.

Merece referencia elogiosa o scenario d'*A Ratoeira*, do novo scenographo Mergulhão.

O simples episodio intitulado *A volta*, que se resume ao relato feito por um soldado da Republica, quando da acção de Chaves, deu logar a duas estreias theatraes: a do sr. Nobre Martins como autor e a do sr. Alves da Cunha como actor.

Tanto de um como de outro ha a esperar trabalhos de maior folego e responsabilidade, para bem se aquilatar das suas faculdades. Uma qualidade de primeira ordem possui Alves da Cunha — a voz encorpada, redonda e communicativa. Ou nos enganamos muito ou está ali o estofo de um tragico. Quando o estudo e o tirocinio da scena realçarem os dotes naturaes do estreiante de ha dias, ver-se-ha se fallou o nosso vaticinio.

Trindade — Na ha duvida de que a operetta austriaca e allemã está relegando para segundo plano a estafada opera-comica franceza. Agora é *A Dama Roxa*, musica de Winterberg, que vem enfileirar ao lado da *Viuva Alegre*, *Conde de Luxemburgo*, etc.

E é justificado o successo da nova opereta pois o seu *spartito*

encerra paginas felizes e de melodia simples e por vezes deleitosa e embriagante. Estão n'este caso: o duetto do 1.º acto: *noblesse oblige*; o tercetto e o côro a *bocca chiusa*; — *estrellas e mulheres*, do 2.º acto; a valsa cantada em duetto: *louro bebê no nosso lar*, que foi bisada e um septimino cheio de alacre vivacidade.

Estreiou-se na *Dama Roxa* o tenor Genovez, que fizera parte da

O papel feminino mais importante é o de *Miss Pearly* e esse foi distribuido a Elsy Rubini, que se distingue na parte musical.

A. Gomes, no sabio japonês, que vem á Europa estudar o «microbio do amor», Grijó no *sportsman* e Gil Ferreira no fabricante de perfumes, concorreram para o magnifico exito que obteve *A Dama Roxa*.

A traducção de Accacio Antunes é correctissima. Os côros bas-

THEATRO DA TRINDADE — A Dama Roxa



Final do 3.º acto

ultima companhia lyrica, que se exhibiu no Colyseu dos Recreios e agora foi escripturado pela empresa Gomes & Grijó. Foi uma feliz aquisição, pois Genovez, que ainda lucta com a pronuncia do portuguez, que estuda ha apenas mezes, possui uma voz caracterisadamente de tenor, deliciosamente timbrada e educada em boa escola. Como é inteligente e novo, estudando, deve ir longe.

tante afinados e a orchestra habilmente dirigida pelo maestro C. Gomes.

Como todas as peças montadas pela empresa Gomes & Grijó *A Dama Roxa* está posta em scena com brilhantismo, o que muito concorre para o agrado com que o publico recebeu a nova operetta.

FERREIRA MENDES.

THEATRO PHANTASTICO



Final da revista «Hoje anda a Roda»

(Phot. de A. C. Lima)